

PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DE

ENTREVISTADO: RENÉE SIMAS

ENTREVISTADORES: WANDA COZETTI MARINHOE JEANINA DAHER

DATA: 12.12.89

CONTINUAÇÃO

PERG.: ISSO MESMO QUE EU QUERIA CHEGAR, O OBJETIVO FINAL, É QUE SERIA MESMO QUE VOCÊ FOSSE FAZENDO ESSA AVALIAÇÃO QUE VOCÊ JÁ VEM FAZENDO DO SEU TRABALHO. E EU QUERIA QUE VOCÊ ALARGASSE ISSO MAIS, QUER DIZER, NÃO SÓ DA SUA ATUAÇÃO DE COMO VOCÊ AGIU, INTERFERIU, SE SITUOU DENTRO DO PROCESSO, NÃO SÓ DAS RESPOSTA QUE VOCÊ OBTIVE DO SEU TRABALHO, MAS COMO VOCÊ TAMBÉM VÊ DURANTE ESSE TEMPO TODO EM QUE VOCÊ ESTEVE ATUANDO, MESMO FORA DA REDE PÚBLICA, A SUA ATUAÇÃO FOI MUITO VIVA, MUITO FORTE, COMO A GENTE VÊ, COMO É QUE VOCÊ AVALIA TAMBÉM O QUADRO GERAL DA EDUCAÇÃO? COMO É QUE VOCÊ VÊ ISSO TUDO DEPOIS DE 64 COM AS MODIFICAÇÕES TODAS? QUE AVALIAÇÃO VOCÊ FAZ DISSO? COMO É QUE VOCÊ VÊ OS ÓRGÃOS CENTRALIZADORES, O PAPEL DA SECRETARIA, DA FUNDAÇÃO, O PAPEL DA REPRESSÃO E DO MEDO ENTRE OS PROFESSORES, AS MODIFICAÇÕES CURRICULARES, PROGRAMÁTICAS? PORQUE ISSO, DE ALGUMA MANEIRA, INTERFERIA NOS SEUS MENINOS, PORQUE ERAM MENINOS QUE ERAM DA REDE, OU DA REDE PÚBLICA, OU MESMO A REDE PARTICULAR, QUE, DE ALGUMA MANEIRA, SEGUEM O CURRÍCULO DA REDE PÚBLICA, NÃO É? COMO É QUE VOCÊ VÊ O DESENVOLVIMENTO DESSES ALUNOS, DESSES MENINOS DURANTE ESSES 20 ANOS EM QUE VOCÊ CONTINUOU ATUANDO NA EDUCAÇÃO, SE PERTUANDO AINDA MAIS COM ESSE SENTIDO CRÍTICO E ANALÍTICO QUE VOCÊ TEM? EU GOSTARIA MUITO DE VER A SUA VISÃO E SOBRETUDO, UMA VISÃO ASSIM, SINTÉTICA DE TODO O CAMPO. SE VOCÊ PUDESSE DAR A SUA AVALIAÇÃO, O SEU PONTO DE VISTA, SERIA ÓTIMO.

RESP.: É: o que eu acho importante que a gente constata, é que apesar de tudo o que aconteceu no país e na cidade, a gente tem um ensino público que está vivo, porque se você olhar o panorama todo, foi tudo feito institucionalmente para que isso acabasse. E uma prova de que não acabou, é a força que tem o sindicato dos professores e a existência efetiva de ensino em

Brasília. O que eu vejo é o seguinte, é claro, que muita coisa foi perdida e muita coisa foi transformada, muito em função do próprio golpe, da própria repressão. Acredito que os primeiros anos, logo depois ficou instaurado um medo. E esse medo é uma coisa que persiste até hoje. Isso não é uma coisa que tenha sido eliminada. Se nós temos algumas figuras que individualmente superaram e que se expuseram e que recompuseram uma associação e que virou um sindicato e que hoje tem uma força, mas existe um medo na sociedade, existem uns tabus na sociedade e que aos poucos, é claro, vão se modificando. E nós temos visto agora, com a primeira eleição para presidente, como essa coisa ficou clara, ficou nítida. E como é que em nome de anticomunismo, de anti-mudança muitas coisas são ditas; e como uma parcela, a menos privilegiada da sociedade acredita nisso. Então, isso, é claro que isso é resultante de nosso ensino e da nossa falta de ensino, porque é incompreensível a quantidade de analfabetos que o país tem. E um país que chegou a conhecer um método de alfabetização brilhante e que funcionou em outros lugares. Então, olha, assim, falando da alfabetização, nós vemos, não é? Quer dizer, eu cheguei a conhecer o método Paulo Freire, sei que ele funcionava, era bonito, era prazeroso. Aí, de repente, temos anos e anos de MOBRAL; e a gente sabe o que que foi um MOBRAL durante esse tempo todo; mal as pessoas conseguiam assinar o nome, mas não tinham a leitura, nem a consciência do nome, nem a consciência de si como cidadãos. Então, isso é que foi institucionalizado. Então, na escola pública, o que que aconteceu com a escola pública também? ela foi... ela não foi... quer dizer, se esse professor durante muito tempo, não estimulado, mal remunerado, sem condições, sem discussões abertas realmente para compreender esse ensino como um todo, essa escola foi ficando fraca, ela foi ficando debilitada. E, ao mesmo tempo, ela era o único local de resistência. Então, a dialética explica isso muito bem. Quer dizer, não é uma coisa assim... e essa coisa que sempre passou, que só valia, que só o ensino da escola particular era bom, que o ensino da escola pública não servia de jeito nenhum; isso era uma maneira justamente de tirar o que só o ensino público traz, um ensino

consciente. Agora, na prática a gente vê assim, exemplos claros. Por exemplo, com a lei do ensino profissionalizante, então vamos ver o Centro de Ensino Médio, que era o que eu conhecia melhor, porque tinha trabalhado nelle. Então, o que que virou na realidade o Elefante Branco? eles começaram a dar cursos profissionalizantes em nome da lei que a modificava e dizia que todo o segundo ciclo deveria ser profissionalizante. Então, aquele aluno que frequentava o Elefante Branco, como ele não tinha nem as matérias básicas exigidas no vestibular, ele não conseguia passar na UnB, mas de jeito nenhum. E não era um aluno que não tinha dinheiro para cursinho. Então, realmente, o ensino público ficou alijado da universidade pública. Então, isso não é uma coisa acidental; isso é uma falta de consciência de quem está dirigindo, de querer realmente um ensino que fosse igualitário. Então, só entrava na UnB, é claro, quem tinha condições de fazer o seu cursinho particular.

PERG.: QUER DIZER E SE ELITIZAVA CADA VEZ MAIS O ENSINO, NÃO É?

RESP.: É claro! mas isso, não há assim, a menor dúvida. E aí, proliferando as escolas noturnas, não por serem noturnas; o defeito não está em serem noturnas, porque eu acho que a qualidade do ensino não está por ser diurno, nem ser vespertino, nem ser noturno. É pela própria orientação dada a esse ensino noturno, não é? pela remuneração muito menor desse professor de faculdade particular e por um aluno cansado por uma jornada de trabalho. Quer dizer, uma inadequação e uma não compreensão de como é que também tem que ser esse ensino noturno, para que esse aluno tenha realmente rendimento. Então, a gente sabe que foi uma fábrica de ter papelzinho aí para todo lado. E numa inversão, acho que realmente da compreensão da sociedade, por que se esse... eu não sou contra o ensino profissionalizante, muito pelo contrário. Eu acho a escola técnica qualitativa, importantíssima, desde que não fosse uma sociedade classista, de achar uma supervalorização no diploma e uma desvalorização do técnico. Se isso não acontecesse, as pessoas teriam orgulho de ser um especialista, de ser um técnico. Eu me lembro assim, no tempo de estudante da Escola Técnica do Rio de Janeiro; quando um aluno se formava na Escola Técnica do Rio de Janeiro, primeiro que era difícil entrar; e quando saía, ele ti

nha e seu emprego garantido, porque ele realmente era um técnico, era alguém respeitado. Agora, você ter uma farsa de ensino profissionalizante no segundo ciclo. Então, por exemplo, no pré-universitário, também tinha, era profissionalizante, era obrigatório. Então, os alunos não tinham... estavam ali, porque eles estavam querendo se preparar para entrar na universidade. Não tinham absolutamente o menor interesse em serem técnicos de nível médio, ainda mais que o leque de opções era tão grande, que acabavam; e nenhuma das escolas estavam aparelhada para dar um ensino técnico, então não saía do papel. O técnico era só no papel. Então, o que acontecia na escola pública; quer dizer, a escola particular ainda compensava de alguma maneira. Então, ela pegava profissões, mas ela dava tudo o que ele precisava para ele entrar na universidade, não que eu concorde com esse "tudo o que ele precisava". Ele preparava mecanicamente para fazer aquele concurso. Não quer dizer, que ela conscientizasse para uma opção social não; ela prepara, como até hoje prepara; ela adentra para um determinado tipo de concurso, não é? tanto que, por exemplo, agora se uma coisa recente que a gente vê que existe, é o segundo ciclo experimental do Setor Oeste, onde ele está tentando fazer com que realmente aqueles alunos que frequentam aquela escola pública, entrem também na universidade. E isso já, eles estão conseguindo. Quer dizer, há uma intenção, há um grupo ali, sem... (ENTREV.: UMA ESCOLA, ENTRE QUATROCENTAS.) - ...sem eliminar essa parte importante, que é a da vivência da socialização e da conscientização do aluno enquanto homem. Então, o que a gente viu assim, no panorama geral do ensino em todas as instâncias; primeiro, educação não era prioridade nacional. Então, lógico, se não era prioridade, não tem verba, não tem isso, não tem aquilo. Então, eu acho que essa coisa só se modificará, quando houver realmente uma reforma no país e que a educação seja, além de um direito, uma prioridade, não é? então, nós vimos isso em todo esse decorrer, como... quer dizer, a universidade, o exemplo aí da UnB durante tantos anos, uma universidade que começou de uma maneira belíssima, atuante e viva... (ENTREV.: UM EXEMPLO.) - ...como ela ficou duran

te anos amarrada e presa, sem poder sair. E agora, também não podia ser uma cobrança. Quer dizer: ah! mas ela continua não apresentando resultados. Out! Isso não está tendo resultado, porque em educação, você não é uma coisa imediata, não é? não é, você pega um tomate verde e bota numa estufa e no dia seguinte ele está vermelho. Educação não existe isso. É todo um processo e que você não pode fazer avaliações simplista, não é? você tem que ver. Agora, onde isso aconteceu, onde houve alguma oportunidade, mesmo nessa época de transição, em que nos Estados, onde que se chegou a ter alguma modificação, onde os secretários se emprenharam, onde houve alguma brecha, porque, claro, que algumas brechas aconteceram, não é? nesse tempo todo, porque senão nós teríamos nem o que discutir agora, não é? quer dizer, não houve também um imobilismo. Enquanto essa coisa estava difícil, as pessoas foram se recondo, se organizando. Então, nós temos assim, coisas dentro da própria estrutura de coisas assim, muito interessantes. Eu tenho uma colega que continua no ensino até hoje e que começou comigo no Elefante Branco, uma chilena, hoje naturalizada brasileira, que é Antonieta Muranda Martins. Ela ficou esse tempo todo no ensino e continua no ensino, ainda não se aposentou. E sempre ainda ela esteve, ela sempre fez uma experiência assim, belíssima de arte. Logo que nós saímos do Elefante, ela reagiu quanto à saída, ela não se acomodou. Então, ela perdeu o lugar que ela tinha no Elefante e mandaram-na naquela época para o Cruzeiro noturno, onde não tinha absolutamente nada. Ela levava duas caixas de... dois caixotes com material e os alunos levavam para casa e no dia da aula traziam de volta. Eu fui à primeira exposição que ela fez no Cruzeiro, era uma coisa riquíssima, só trabalhando com material de aproveitamento, porque ela não podia pedir nada dos alunos, porque eles não tinham e não podia pedir da escola, porque a escola também não tinha. E depois disso, ela foi, teve na escola normal e eu tenho acompanhado, inclusive, no curso de licenciatura lá da faculdade. Ela usava muito material de ilustração, mostrando que existiam brechas e que existia essa possibilidade. Então, quando o professor também, em nome da repressão, em nome das dificuldades se acomodava, não fazia nada ou mui-

to, pelo contrário, até ajudava ainda mais a se instaurar essa situação; eu sempre mostrei que no campo da arte, sabe, não precisava, não era nada panfletário, você não precisa ficar fazendo discurso, você precisa fazer e deixar que os outros façam sem você impedir uma expressão. E ela é o exemplo de que durante esses anos todos, em todas as circunstâncias, é claro, que se ela tivesse tido maior apoio, não ficariam experiências em algum coleginho, alguma coisa. Essa coisa teria tido uma força muito maior. Então, a gente sabe muito bem, o problema da educação, não é um problema individual, não é um problema que eu acho que eu tenha resolvido, porque em nenhum dos lugares eu nunca trabalhei sozinha. O fato d'eu ser a professora da escolinha e não ter outra, não queria dizer que eu trabalhasse sozinha não. Eu sempre tive apoio, apoio dos outros, apoio dos pais, apoio das crianças, apoio da Ivone Jean, que durante anos escreveu no jornal e cobria, de uma certa maneira, a experiência e fazia com que justamente ela não morresse, porque ela punha para fora. Era esse o canal, era o jornal, ela levava para fora. Então, não existe... (ENTREV.: VOCÊ TEM ALGUMA NOTA DESSA ÉPOCA?) - ...tenho! tenho! eu estou te passando, inclusive, coisas de... (ENTREV.: TEM AÍ ESSA

REGISTRADA?) - ...tenho! (ENTREV.: TÁ ÓTIMO!) - ...entendeu? então, não era assim; então, vamos dizer: a escolinha é da Renée! isso não é; é uma maneira, uma força de falar, entendeu? não existe processo educacional individual... (ENTREV.: ISOLADO.) - ...isolado! sabe, ou você trabalha, porque você tem um grupo de apoio, um grupo de sustentação seja de que maneira for, porque... e aí sim, essa coisa passa a ter validade. Então, como eu sei esse caso da Antonieta, porque eu acompanhei durante esses anos todos o trabalho dela, que realmente sempre me surpreendeu, porque como é que ele conseguia dentro de estruturas que, aparentemente fechadas, ela conseguia sempre uma coisa expressiva, prazerosa e do ponto de vista de linguagem, no ponto de vista de disciplina, que é... (ENTREV.: COMO É QUE ELA SE CHAMA RENÉE?) - ...Antonieta Muranda Martins! e é uma coisa que, entrando assim, agora assim, na conceituação específica da parte que eu sempre tra-

balhei, que é a parte de arte e cultura, existem assim, muitas equívocos. E sempre durante esse tempo todo, muitas coisas assim, devido a lerem, mas não praticarem, aconteceram muitas coisas em nome dessa chamada: "Arte e Educação". As pessoas, eu acho que é uma falta de compreensão realmente, que a palavra "ARTE", está ligada à palavra "LIBERDADE"; e "EX - PRESSÃO", também ligada à palavra "LIBERDADE". Sem essas duas coisas, é impossível; realmente não existe. Mas não estão ligadas a incompetência, a não compromisso, a organização; não são contrárias, muito pelo contrário. Você só tem a consciência da liberdade, quando você sabe para que que você está brigando por a liberdade e quais são os limites individuais que você tem para você ter isso como uma cidadania. Agora, em nome da arte, o que tem se feito são coisas inconcebíveis, mas vem da falta de preparo, da falta de informação e da possibilidade de tudo para o nada. Então, a arte na escola, ela está ligada no contexto da própria escola. Então, que tipo de cidadão você está querendo, não é? então, em nome, eu acho, da desinformação, muita coisa tem sido feita na escola. Bom, o que que existia antes? um ensino tradicional, formal, que não levava em conta de jeito nenhum, a expressão individual, não é? então, isso foi, inclusive, um dos motivos que me levou a vir para Brasília, achando que a gente poderia aqui fazer diferente. Então, você tinha o que, aquela cadeira chamada Desenho; então, você dava aquilo daquela maneira; então, era um consciente que você dava, treinava; quer dizer, eram treinamentos. E a pessoa não aplicava aquilo em lugar nenhum, porque aquilo não estava ligado com a vida. Se você, claro, fosse ser um desenhista, você ia usar os instrumentos, alguma coisa. Mas para a vida, qual era a relação que tinha? nenhuma! porque eram modelos impostos e você não sentia. Então, o que que se contrapõe a isso? você sentir que a arte é uma coisa que perpassa a tua vida inteira. Então, não é que você tenha que ser artista, mas você tem que ser sensível, porque é aí que você realmente é capaz, inclusive, de aproveitar tudo o que é a criação do mundo, desde simples coisas da natureza, de conseguir respeitar a natureza pela beleza que ela possui, até as

coisas criadas pelo homem. E na realidade, em nome da não compreensão disso, fez com que... então, em nome do não saber, de não estudar, de achar que a arte era sinônimo de qualquer coisa, então foram feitas experiências profundamente desastrosas. Então, saíram daquele formalismo, tudo pode fazer, tudo pode fazer. (ENTREV.: QUER DIZER, PARA O EXAGERO?) - É! tudo pode fazer... (ENTREV.: AOS EXTREMOS, NÃO É?) - ...é! extremos, mas sem consistência, não é? então, veio aquela outra coisa: não! não vamos dar arte, porque, primeiro que não serve para nada! então, dando brechas também, porque o que eles não queriam, é que realmente que as pessoas fossem críticas e criativas. Então, em nome dessa falsa liberação, que é o não domínio da linguagem, então muita coisa acabou acontecendo, não é? então, eu acho que hoje em dia já se discute mais. Há um comprometimento; se é artes plástica... um comprometimento com a linguagem específica das artes plástica, há uma cumplicidade com a linguagem teatral e há uma cumplicidade com a linguagem musical. E eu vejo isso, que eu sempre dizia para os alunos no curso de licenciatura, que lá existiam bacharelados e licenciaturas. Então, o ator, ele se forma e ele vai a um palco e se ele não consegue a comunicação necessária, o que acontece? ele não tem outra chance ou muitas vezes têm outra e não aproveita. E o professor, muitas vezes, infelizmente, ele consegue impunemente e deformando... (ENTREV.: MATANDO ISSO.) - ...até o final e não lhe é cassado ou não lhe é cobrado. E eu acho que isso só vai acontecer realmente, quando a sociedade tiver consciente de que tipo de educação é necessária para uma sociedade mais feliz.

PERG.: RENÉE, EU AGRADEÇO MUITO, NÓS AGRADECEMOS MUITO, NÓS TOMAMOS MUITO SEU TEMPO, QUER DIZER, EXCEDEMOS O TEMPO DE ENTREVISTA REGULAMENTAR.

EU NÃO SEI SE FOI PEDIDO PARA VOCÊ, QUE NÓS AINDA NÃO TROUXEMOS A AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZARMOS A GRAVAÇÃO, SE VOCÊ AUTORIZA, VOCÊ PODIA DEIXAR AGORA GRAVADO? PORQUE NÓS TRAREMOS DEPOIS UM DOCUMENTO PARA VOCÊ ASSINAR PARA NÓS; SE VOCÊ AUTORIZA A UTILIZAÇÃO DA GRAVAÇÃO POR PESQUISADORES E HISTORIADO -



RES FUTURAMENTE, ALÉM DA UTILIZAÇÃO NO MOMENTO PARA O PROJETO MEMÓRIA?

RESP.: Não! eu estou dando com a maior tranquilidade, confiança realmente que seja uma proposta séria e que seja levada adiante e que possam ouvir ainda muitas pessoas para poder se ter realmente, um quadro de que tenha sido o ensino e que seja o ensino em Brasília.

PERG.: MUITO OBRIGADA!

.FINAL DA TRANSCRIÇÃO DO LADO "A" DA FITA IV, REFERENTE A ENTREVISTA COM A PROFESSORA RENÉE SIMAS.

.BSE / 08.03.92

.TRANSCRIÇÃO FEITA POR BEBETO ALVES.

(QNN 40 CJ "F" CS 01 - CEILÂNDIA/DF. - TEL. 376.4167 "recado.")